

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil

LEITURA IMERSIVA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE A INTERMINÁVEL CHAPEUZINHO, DE ANGELA LAGO

Rodrigo da Costa Araujo (FAFIMA)¹
Fabiano Tadeu Grazioli (URI)²
Alexandre Leidens (SESC-PR)³

“[...] escutar, olhar, ler equivale finalmente a constituir-se. Na abertura ao esforço de significações que vem do outro, trabalhando, esburacando, amarrotando, recortando o texto, incorporando-o em nós, destruindo-o, contribuimos para erigir a paisagem de sentido que nos habita. O texto serve aqui de vetor, de suporte ou de pretexto à atualização de nosso próprio espaço mental. Confiamos às vezes alguns fragmentos de texto aos povos de signos que nos nomadizam dentro de nós. Essas insígnias, essas relíquias, esses fetiches ou esses oráculos nada têm a ver com as intenções do autor nem com a unidade semântica viva do texto, mas contribuem para criar, recriar, reatualizar o mundo de significações que somos” (LÉVY, 1996, p. 37).

Nesta epígrafe, extremamente significativa, Pierre Lévy propõe novas formas de ler e atualizar o texto, como também, o processo de virtualização e a construção de novos sentidos. Para ele, ao mesmo tempo que rasgamos o texto pela leitura ou pela escuta, amarrotamos esse texto lido. Dobramo-lo sobre si mesmo. Tal trabalho da leitura, para ele, pressupõe esse ato de rasgar, amarrotar, torcer, recosturar o texto para abrir um meio vivo no qual se desdobram os sentidos. O espaço do sentido, nesse processo, não preexiste à leitura e, é ao percorrê-lo que o fabricamos ou o atualizamos. Afirma, ainda, que, enquanto dobramos esse texto sobre si mesmo, estabelecemos relações com outros textos, a outros discursos, a imagens, afetos e a toda a imensa reserva flutuante de desejos e de signos que nos constitui. Quando isso acontece,

¹ Doutorando em Literatura Comparada e Mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense. Professor de Literatura infantojuvenil e Arte Educação da FAFIMA - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Macaé/RJ. Brasil.).

² Doutorando em Letras na Universidade de Passo Fundo/RS. Mestre em Letras - Estudos Literários - pela mesma instituição. Professor da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Erechim/RS e da Faculdade Anglicana de Erechim/RS. Brasil.).

³ Licenciado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa - pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Campus de Erechim. Orientador de atividades: Letramento, no SESC de Francisco Beltrão/PR. Brasil).

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil

segundo suas leituras, não é mais o sentido do texto que nos ocupa, mas a direção e a elaboração de nosso pensamento, a precisão de nossa imagem no mundo, a culminação de nossos projetos.

A partir disso, o texto não é mais amarrotado, dobrado sobre si mesmo, mas recortado, pulverizado, distribuído, avaliado segundo critérios de uma subjetividade que produz a si mesma. Todos esses processos de atualização, segundo o filósofo, remontam e reforçam o conceito de hipertexto e novas formas de conceber o leitor e a leitura. Esse processo construtivo do hipertexto, de um modo geral, exige um leitor atento, possuidor de habilidades técnicas, capaz de ser coautor de uma obra, consciente das transformações que ajuda a construir e do poder da técnica que utiliza.

Com essas mesmas relações obra-autor-espectador, Lúcia Santaella, sabiamente, em *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo* (2004), se refere à abertura da obra e a três tipos de leituras⁴, como também, as interações a partir das habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que estão envolvidas nesse processo. Dos três tipos de leitor arrolados pela pesquisadora, a saber, o contemplativo, o movente e o imersivo, é este último que nos interessa nesta comunicação. O leitor imersivo, virtual, segundo Santaella é aquele que emerge nos espaços incorpóreos e fluidos da virtualidade, em um roteiro multilinear entre “nós”, multisequencial, hipersubjetivo, feito um grande caleidoscópio tridimensional, onde as transformações sensoriais, perceptivas e conjuntivas inauguram novas sensibilidades corporais, físicas e mentais.

O leitor virtual ou imersivo, segundo Santaella, surge da multiplicidade de imagens sígnicas e de ambientes virtuais de comunicação imediata. Esse leitor nasce inserido dentro dos grandes centros urbanos e é acostumado desde cedo com a linguagem efêmera e provido de uma sensibilidade perceptiva-cognitiva quase instantânea. Ele, segundo Santaella, e de acordo com essas características, é inserido no ambiente hipermídia, coloca em ação mecanismos, ou mesmo, habilidades de leitura

⁴ Esses três tipos de leitura, também, de algum modo, representam a “abertura da obra de arte” na contemporaneidade, principalmente em poéticas interativas.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil

muito distintas das empregadas pelo leitor do texto impresso. Por outro lado, essas características distinguem-se, ainda, daquelas que são empregadas pelo leitor de imagens ou espectador de cinema ou televisão. Essas habilidades de leitura multimídia acentuam-se mais ainda, quando a hipermídia migra do suporte CD-ROM para circular nas potencialidades infinitas do ciberespaço.

Na presente comunicação realizamos apontamentos sobre o livro/hipertexto *A interminável Chapeuzinho*, de Angela Lago, disponível no site [<http://www.angela-lago.com.br>], a partir do viés do leitor imersivo tendo em vista os estudos de Lúcia Santaella. As principais características desse leitor, segundo a autora, são a hipertextualidade, a interatividade e o diálogo sígnico com as várias linguagens.

Angela Lago, possui uma obra extremamente significativa, é uma das mais reconhecidas escritoras e ilustradoras da literatura infantil contemporânea. Suas narrativas envolvem livros de imagem, indagações do olhar, estranhamentos⁵ e muitas interrogações, além do diálogo tramado com as outras linguagens artísticas. O *site* oficial da autora, além de falar de toda a sua trajetória artística e sua obra, apresenta livros concebidos no espaço virtual, tais como: *Oh! Terror Game* (Trata de uma história de terror), *ABCD* (Abecedário ilustrado brasileiro e lúdico) e *A Interminável Chapeuzinho* (paródia do clássico conto de fada). Este último foi o escolhido como corpus para o presente trabalho:

⁵ Neologismo proposto pelo formalista russo Viktor Chklóvski. O estranhamento seria o efeito especial criado pela obra de arte literária para nos distanciar (ou *estranhar*) em relação ao modo comum como apreendemos o mundo, o que nos permitiria entrar numa dimensão nova, só visível pelo olhar estético ou artístico. O estranhamento é, então, essa forma singular de ver e apreender o mundo e aquilo que o constitui, visão que a literatura de certa forma amplia - ao nível da linguagem, porque a torna difícil e hermética ao nível do conteúdo, porque desafia e transforma as ideias pré-concebidas sobre o mundo; e ao nível das formas literárias, porque *estranha* as convenções literárias, introduzindo outras formas de expressão.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil



Abertura do hipertexto: *A Interminável Chapeuzinho*, de Angela Lago
Figura 1⁶

Se antes, em diversos livros, o diálogo interartes⁷ era extremamente presente e lúdico na obra impressa de Angela Lago, agora, nesse hipertexto/livro, a escritora explora vários recursos ao mesmo tempo com a leitura da narrativa, exigindo ações e habilidades de leitura muito distintas daquelas exploradas pelo leitor do livro impresso ou daquelas empregadas, também, pelo receptor de imagens ou espectador de cinema e televisão.

O título da obra, nesse caso, único código verbal escrito - paratexto condutor e instigante - aponta e inicia, antecipadamente, para um texto⁸ que acontece através da conexão do leitor com a tela, por meio de movimentos e comandos do *mouse* ou do *touchpad*, descobrindo os nexos eletrônicos dessas etapas ou mecanismos por onde seguir. O signo “interminável”, presente no título, comprova, assim, que o leitor mirim ou qualquer leitor terá que estabelecer relações múltiplas, e de modo a-sequencial, unir fragmentos de informações de naturezas diversas (cores, movimentos, luzes, intertextos, música, gestos dos personagens etc.), criando e experimentando, na sua interação com o potencial dialógico da hipermídia, um tipo de comunicação multilinear e labiríntica.

⁶ Todas as imagens foram retiradas do site informado anteriormente.

⁷ CLÜVER, Claus. Estudos Interartes: introdução crítica. In: _____. **Floresta encantada: novos caminhos da Literatura Comparada**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 2001.

⁸ No sentido mais amplo e semiótico do termo e considerando que as tecnologias audiovisuais passaram a trazer textos mediados (sonoros e visuais) de todo o mundo, para um público que antes só os recebia por meio do código escrito. A leitura desses textos em códigos múltiplos (feita pelo diálogo verbal-visual-sonoro) é denominada leitura intercódigos.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil

Esse paratexto⁹, - o título da obra -, ainda, informa o intertexto com obras clássicas conhecidas de muitos leitores, reforçando, assim, o tom parodístico do discurso e seu caráter híbrido e múltiplo. Com essas informações iniciais, antes mesmo de explorar a obra e a sua natureza diversa, o leitor, por meio de saltos receptivos, é livre para estabelecer sozinho a ordem textual ou para se perder na desordem dos fragmentos, pois no lugar de um volume encadernado em que as frases e/ou imagens apresentam-se em uma ordenação sintático-textual, surge, agora, diante dos seus olhos, uma ordenação associativa que só pode ser estabelecida no e mediante o ato da leitura.



A Interminável Chapeuzinho, de Angela Lago

Figura 2

Nesse primeiro momento, o leitor-mirim, diferentemente do livro impresso, poderá optar por múltiplos caminhos e desfechos, dependendo da escolha. Para esse tipo de leitura, no entanto, a própria obra nos convoca a uma navegação exploratória, uma forma de conhecer os seus mecanismos lúdicos e estrutura. O leitor, lançando mão de

⁹"Um trabalho literário consiste, inteiramente ou essencialmente, de um texto, definido (muito minimamente) como uma sequência mais ou menos longa de declarações verbais que são mais ou menos dotadas de significação. Mas tal texto é raramente apresentado sem estar adornado, reforçado e acompanhado de um certo número de outras produções, verbais ou não, tais como o nome do autor, um título, um prefácio, ilustrações. E apesar de que nós nem sempre saibamos se essas produções devem ou não ser vistas como pertencendo ao texto, em todo o caso elas rodeiam o texto e o estendem, precisamente para *apresentá-lo*, no sentido usual deste verbo, e num sentido mais forte: fazer *presente*, garantir a presença do texto no mundo, sua `recepção´ e consumo sob a forma (atualmente, pelo menos) de um livro. Esse tipo de produção, que varia em extensão e aparência, constitui o que eu chamei [...] de *paratexto* [...]. O *paratexto* é aquilo que permite que o texto se torne um livro e seja oferecido enquanto tal para seus leitores e para o público de um modo geral [...] (GENETTE, 1982, p. 1).

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

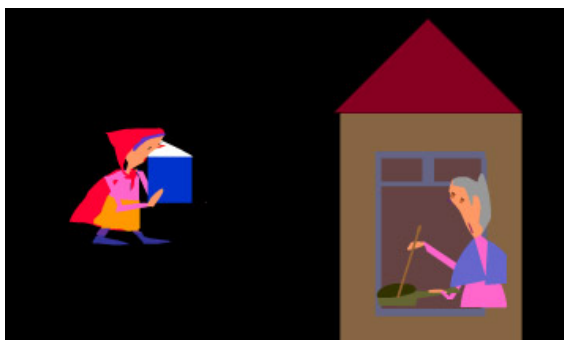
Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil

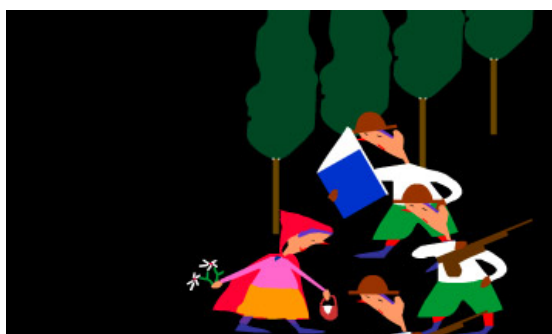
toda multilinearidade do livro deve comportar-se como um navegador, deslocando-se com o *mouse* ou o *touchpad* da centralidade textual, a qual é encaminhada a outro nó de rede, num dinamismo atraente, totalmente descontraído e sedutor.

A figura de Chapeuzinho, conhecida de todo leitor, após o primeiro *click*, surge nessa trama ressignificada e reescrita. Feita personagem-atriz - como sugere o intertexto musical - ela apresenta-se para representar na floresta e fazer acontecer os fatos de sua própria narrativa. Movimentando-se, ora com sua mãe, ora como num palco, com sua avó, dirige-se aos bastidores para trazer de lá acontecimentos ou a própria vozinha. A partir daí, a trama poderá ser iniciada, ao toque do *mouse* ou do *touchpad* e a partir das experimentações ou tentativas.



A Interminável Chapeuzinho, de Ângela Lago
Figura 3

Nessa obra, disponível no *site*, os recursos hipertextuais são explorados de forma lúdica e colorida, permitindo-nos observar muitas características apontadas por Lúcia Santaella a respeito da leitura hipermidiática. Uma delas é o caráter volátil do texto em que o leitor, ao embrenhar-se nas redes, perceberá a importância e autonomia das partes que formam essas cadeias de percursos.

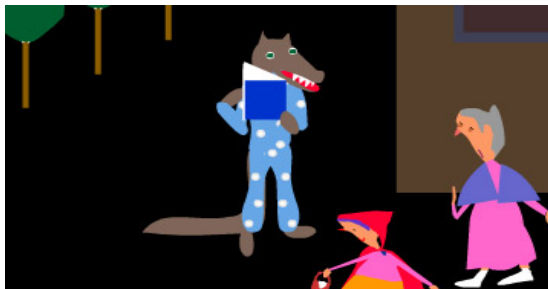


IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil



A Interminável Chapeuzinho, de Angela Lago
Figuras 4 e 5

Essa coreografia imagética dos personagens em figuras sintéticas com animação - duas mulheres adultas, uma menina, o lobo e os caçadores - é configurada com o texto não verbal, integrados em tecnologias que são capazes de produzir e disponibilizar som, ruído, movimentos ou gestos, etc. Modelados em informações figurativas em multimídias, os personagens constituem nós, ajudando a formar certas associações e, por isso, o discurso visual arma-se em um todo coeso, graças aos seus elementos em conjunto. Essas ligações, geralmente ativadas por meio do *mouse* ou do *touchpad*, permitem ao leitor da hipermídia ou leitor imersivo mover-se através da obra, produzindo, na mistura de sentidos receptores, na sensoriedade global, sinestésias reverberantes de que ela é capaz (SANTAELLA, 2003).

A leitura hipermídia congrega, ainda, mescla de texto (o intertexto com o conto de fadas), imagens fixas e animadas, sons (trilha sonora do livro), ruídos e luzes compondo um todo complexo, porém, não garante certa linearidade do começo ao fim, podendo ser interrompida, inclusive, durante as experimentações. Ela, acionada pelas várias colagens, direciona-se ao público infantil, monta-se ou se constitui com as intervenções do receptor acompanhando os comandos com o *mouse* ou do *touchpad*. Com todos esses recursos e perturbado com tantas informações e detalhes, ele - o leitor imersivo - se percebe diante de possibilidades de narrativas, diante de um jogo em que escolhe, entre as várias versões, um final que prefere atualizar.

A canção - que se tornou um clássico hino de amor - escolhida por Angela Lago para essa narrativa, reforça, além da *mise en cena* ou do espetáculo da protagonista, a

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil

citação original *Chapeuzinho Vermelho*, de Charles Perrault, em que o lobo seduz a protagonista. Nesse caso, a trilha sonora que embala a narrativa e a construção dos sentidos estabelecem o tom parodístico com as várias relações psicológicas e sexuais que envolvem o conto¹⁰.

La vie en rose (A vida em cor-de-rosa), - feito um conto de fadas cantado -, de Edith Piaf, é uma canção francesa que tematiza, pelo eu-lírico, a vida de uma mulher que prometeu o amor eterno a um amante. Na sequência apresentamos uma tradução nossa para a música:

A vida em cor-de-rosa
Edith Piaf

Olhos que fazem baixar os meus
Um riso que se perde em sua boca
Eis o retrato sem retoque
Do homem a quem eu pertença

[Refrão]

Quando ele me toma em seus braços
ele me fala baixinho
Vejo a vida cor-de-rosa
Ele me diz palavras de amor
Palavras de todos os dias
E isso me provoca alguma coisa
Ele entrou no meu coração
Uma parte de felicidade
Da qual eu conheço a causa
É ele pra mim, eu pra ele
Na vida, ele me disse
Jurou para sempre
E desde que eu percebo
Então, quando eu o sinto em mim
Meu coração bate

Noites de amor infinitas

¹⁰ Os contos de fadas, de acordo com a obra de Bruno Bettelheim (1980), ajudam as crianças a lidarem com seus problemas (conflitos) internos (ciúmes, medos, sentimentos edípicos, solidão, rivalidades, frustrações) de forma intuitiva e subconsciente. Isto é, eles não constroem respostas prontas, mas oferecem possibilidades da criança chegar a suas próprias conclusões. Nesse contexto, a música estabelece um diálogo intertextual com as origens do conto *Chapeuzinho Vermelho*, quando remete, sutilmente, as questões de erotismo (numa leitura para o leitor adulto). A respeito desse olhar no conto de fadas em questão, ler: BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil**

Uma grande felicidade que toma seu lugar
Os problemas, as chagas se apagam
Feliz, feliz até morrer

[Refrão]

Ela, ainda, ajuda a construir a animação dos personagens, confundindo-se em um todo dinâmico e interativo no enredo. Disso decorre não só desenvolver novos modos de escutar ou ver detalhes, mas aprender com mais rapidez, saltando de um ponto a outro da informação, formando combinatórias criativas. Com esse gesto, mesmo quando se está diante dos espaços representacionais da tela/livro, o internauta-leitor percebe-se envolvido na cena, é ele que confere dinamismo aos acontecimentos, identificando-se com elementos constitutivos de um ambiente cujas coordenadas só se limitam pela interface que ele atualiza no ato de navegação.

Enfim, ler e desenvolver esses códigos, além de ser uma atividade lúdica e criativa, é uma atividade performativa e cognitiva que não está presa a um único recurso de linguagem. Juntam-se a isso, ainda, nessa miríade de signos, o processo metalinguístico explorado na imagem e narrativa enquanto processo. Em todos os finais, que não se assemelham ao final clássico da história original, o lobo, com um livro na mão, acena com o dedo e com a cabeça (códigos visuais ou não verbais), sugerindo que não era o fim pretendido para tal situação.

A grande marca identificatória do leitor imersivo está, sem dúvida nenhuma, na interatividade com a obra. O enredo e os processos comunicativos, além dos recursos de colagens, nesse texto, acontecem no espaço de comutação, nas trocas intersemióticas. Nesse ambiente, todos se tornam negociadores de um fluxo indefinido de signos que surgem e desaparecem em função do acesso e das comutações. Outro traço do leitor imersivo, segundo Lucia Santaella (2004, p.181), encontra-se nas transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que emergem nesse tipo de leitura. Os sentidos e as reações motoras acompanham o ritmo da narrativa, que é visível na agilidade dos

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA E INFORMÁTICA

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil

movimentos multidirecionais, ziguezagueantes na horizontal, vertical e diagonal com que o olhar acompanha a tela e os acontecimentos.

Para a pesquisadora, “observar, absorver, entender, reconhecer, buscar, escolher, elaborar e agir ocorrem em simultaneidade” (p.182) nesse processo de leitura. De todo modo, segundo suas pesquisas, o que parece certo e se confirma é que “no contexto comunicacional da hipermídia, o infonauta lê, escuta e olha ao mesmo tempo”. Nessa vertigem de signos percebemos, nessa obra, um novo tipo de sensibilidade perceptiva, sinestésica e de uma dinâmica importantíssima nos processos de leitura a partir de diálogo intercódigos. Assim, a literatura infantil contemporânea, seja ela da criação impressa - com os recursos extremamente visuais e apelativos ou técnicas de *designers* - seja das tramas virtuais e labirínticas com seus recursos hipermidiáticos - assume, definitivamente, novas formas de ler/ver e novas formas de conceber o objeto livro.

Esse percurso de leitura que realizamos com o livro/hipertexto de Angela Lago, revela a perspectiva dos estudos da linguagem e da literatura comparada em abordagem semiótica, buscando, sempre num viés crítico, relacionar e confrontar linguagens verbais e não verbais. Essa perspectiva, reconhece os diálogos que a literatura estabelece com outras artes, com as demais formas de representação e com o contexto em que se situa em um dado momento.

Assim, estudar literatura é correlacionar, o tempo todo, diferentes sistemas de signos. Desse modo, sempre num ambiente descontraído e lúdico, percebemos como a linguagem do mundo artístico sofre os efeitos e características de diferentes códigos, e, por outro lado, como esses efeitos agem sobre eles, o que, de certa forma, provoca um processo ininterrupto de transformação com o trabalho da linguagem. Um trabalho que ganha força, ainda mais com os vários recursos tecnológicos.

Referências

CHKLÓVSKI, Viktor. A Arte como procedimento. In: **Teoria da Literatura: Formalistas Russos**. Tradução Ana Maria Ribeiro et al. Porto Alegre: Globo, 1971.

**IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VIII SIMPÓSIO NACIONAL
DE LITERATURA E INFORMÁTICA**

Literatura e internet: arte digital, escola experimental.

JORNADA EM AÇÃO

**09 a 11 de novembro de 2016
UPF/ Passo Fundo (RS),
Brasil**

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes. La littérature au second degré.** Paris: Seuil, 1982.

LAGO, Angela. **O interminável Chapeuzinho.** Disponível em: <<http://www.angela-lago.com.br>>. Acesso em: 25 set. 2016.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

PIAF, Edith; DAHAN, Olivier. **La vie en rose.** “La Môme”. CD do filme. 2008

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus. 2004.

_____. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo. Paulus. 2003.